

Dois discursos e um Orçamento

por Mário Soares

1. Refiro-me às duas magníficas intervenções feitas pelo Presidente Barack Obama e ao orçamento que apresentou, em meados da última semana, e que marcaram um novo rumo claríssimo – e totalmente inovador – para o próximo futuro da América. Serão, sem dúvida, um motivo de reflexão de primeira importância para a União Europeia e para o Mundo.

O discurso-programa que fez perante o Congresso, após ter arrancado às duas Câmaras - com dificuldade, diga-se - uma votação favorável para o plano anti-crise, permitiu-lhe garantir, com absoluta convicção: “vamos reconstruir a nossa economia, reduzir o deficit e vencer a crise”, a prazo, obviamente. Um propósito extremamente ambicioso. No discurso que fez às Forças Armadas, anunciou a retirada do Iraque, num período de 18 meses (dois mais do que tinha prometido, durante a Campanha), o fim das práticas de tortura sobre os prisioneiros e o encerramento de Guantanamo, como campo de concentração de suspeitos, trazidos à força, para a base em Cuba, fora de qualquer legalidade, e com total desrespeito dos Direitos Humanos e das Convenções Internacionais.

Obama anunciou ainda dar a conhecer ao Povo Americano – com transparência e em detalhe - os gastos astronómicos feitos com as guerras do Iraque e do Afeganistão – e os negócios escandalosos que as acompanharam como foi o caso da empresa Halliburton – que tanto contribuíram para a grave crise financeira e económica, em que a América se encontra. E que está agora a atingir em cheio a União Europeia e o Mundo em geral.

A necessidade de regulação e de controlo ético das despesas privadas e públicas, foi outro dos imperativos julgados essenciais pelo Presidente. Reconheceu que “a economia está enfraquecida e a confiança dos cidadãos abalada”. Mas acrescentou que os americanos vão reagir, recuperar: os “Estados Unidos sairão reforçados da crise”, garantiu. Foi um discurso realista – porque não escondeu nada da situação difícilíssima em que os Estados Unidos se encontram – mas também optimista, porque aposta, com argumentos válidos, num futuro muito melhor, dada a mudança do paradigma que está a promover e o novo modelo económico, mais equitativo, que está já a ser posto à prova, de uma forma totalmente determinada.

Este é o ponto essencial. Sobre o qual me permito dizer que a Europa deve reflectir, como exemplo a seguir. Para não entrar em desagregação e irremediável decadência (atenção: que é um perigo real). Isso seria uma desgraça para a Europa, Portugal incluído, e um mau exemplo, extremamente negativo, para o Mundo.

Quanto ao Orçamento para 2010, trata-se de um documento manifestamente orientado por preocupações de Esquerda, como a imprensa internacional sublinhou. Baseia-se numa claríssima intervenção do Estado em pontos importantes como: a saúde pública, para todos; o

desenvolvimento da educação – com a escolaridade obrigatória, para os americanos, até aos 12 anos – e o reforço dos apoios às Universidades e aos Centros Científicos e Tecnológicos e aos estudantes e investigadores que os frequentam, com ajudas para que deles não saiam, por razões financeiras; e novos compromissos em matéria de segurança social para com os idosos. Trata-se claramente de apoiar os mais pobres, os desempregados e as pequenas empresas porque criam, em conjunto, muitos empregos. Além dos investimentos em obras de interesse público e um grande impulso às energias renováveis.

Num artigo recente, o prémio Nobel da Economia, Paul Krugman, falando da situação de pré-falência em que se encontram dois dos maiores bancos americanos, City Bank e Bank of América, aconselhou a nacionalização desses bancos – imagine-se! – em vez do Estado fornecer dinheiro às respectivas administrações, os grandes responsáveis da situação a que chegaram, para eventualmente os voltarem a delapidar... Obama, naturalmente, não quer ir tão longe. Mas quer que os bancos em dificuldades possam ser controlados por técnicos independentes e que seja transparente e conhecida a forma como são gastos os créditos que o Estado lhes proporciona, para que os depositantes não sejam vítimas duas vezes...

O deficit dos Estados Unidos irá elevar-se a 3.552 biliões de dólares para o ano fiscal de 2010, que começará em Outubro de 2009. E para 2009 atinge 1.752 biliões (Vide Le Monde de 28 de Fevereiro 2009). Trata-se de um aumento enorme que a Casa Branca explica por duas razões: “uma necessidade urgente de ruptura, com o passado escuro que têm vivido”. Porque no tempo de Bush certos gastos da guerra não constavam dos orçamentos. Quanto aos impostos em geral, sobem para os mais ricos e reduzem-se para os mais pobres para que haja uma maior e mais equitativa distribuição dos rendimentos. Maior justiça social, em suma.

É claro que a viragem anunciada não agrada a muitos republicanos, que acusam tais medidas de “socialismo” e de “regresso à luta de classes”. A luta contra o Presidente Obama vai agora começar, como era esperada, e vai ser duríssima. Mas a crise obriga. Não há outro caminho para a vencer. Obama é movido principalmente por uma visão patriótica e pela vontade de salvar os Estados Unidos, como potência hegemónica, mas não dominadora, aberta a negociações com os outros países, mesmo os antigamente chamados do “eixo do mal”, num mundo multilateral, que pretende em paz, mais justo e salvo das ameaças ecológicas que sobre ele pesam. Daí que o Presidente continue muito popular como a sondagem do CBS/New York Times revela: 63% dos americanos dão-lhe o seu apoio e 57% aprovam a sua política em matéria económica e também a sua política externa, embora para alguns esta seja mais difícil ainda de engolir.

Mas as coisas são o que são...

2. A união Europeia e a crise. É verdade que a Europa, no seu conjunto, está a ser fustigada de forma muito violenta pela crise global, nos seus múltiplos aspectos. Muito mais do que se pensava há poucos meses atrás. E para a qual ainda não encontrou uma resposta concertada e eficaz. Como seria de esperar, está a reagir, em ordem dispersa, cada um por si, egoisticamente. O contrário do que seria necessário e desejável, tratando-se de uma União que representa um projecto político de paz, de solidariedade e de unidade entre os países membros, pelo menos no plano

económico, uma vez que nunca foi possível, infelizmente, constituir-se numa União Política, como sempre foi a ideia dos Pais Fundadores. Não obstante o espaço Schengen (que levou à abolição das fronteiras), a zona euro, com a constituição de uma moeda única, e alguns passos dados no plano de uma defesa comum e de uma legislação e uma justiça, em certas matérias, também comuns.

Ora a crise não pode ser vencida se não for encontrada para ela uma resposta comum. É verdade que a crise apanhou a União numa fase de longa paralisia, desde, pelo menos, o final da Presidência Portuguesa, quando foi subscrito pelos 27 membros o Tratado de Lisboa, que, aliás, ficou também em banho Maria depois do veto do referendo irlandês, país considerado então o “melhor aluno” do espaço económico europeu. Curiosamente, foi o primeiro país europeu a sucumbir à crise, seguido pela Islândia, a Inglaterra (quem tal diria), a Espanha e agora, com especial força alguns países do Leste, os últimos a entrar na União. E até, embora em menor dose, os nórdicos.

O Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, segue os grandes países, que têm contradições fundas entre eles, hesitando porém entre eles, com o propósito principal de ser reeleito. Mas como, se se trata de um dos amigos de Bush, o inesquecível anfitrião da mini-Cimeira dos Açores – onde estiveram também, além de Bush, Blair, Aznar e Berlusconi – e na qual se decidiu, unilateralmente, e nas costas do “motor” franco-alemão, a “Velha Europa”, invadir o Iraque, donde resultou a primeira divisão séria da Europa?

Ora o que se tem visto, nos últimos meses, são reuniões sectoriais do “directório dos grandes”, de má memória, muito egoísmo de tipo proteccionista ou nacionalista e bastante esquecimento dos grandes valores comunitários: a unidade, a solidariedade, a igualdade entre Estados, grandes e pequenos, objectivos comuns, políticas concertadas. Justamente o que mais falta faz à União Europeia.

Para onde se caminha? Atenção: ou os países membros – todos – avançam para um plano concertado para vencer a crise – com as rupturas necessárias, como a América – ou assistiremos ao desequilíbrio do euro e à decadência, senão desagregação, do mais original projecto político de associação voluntária para a paz, a liberdade e o bem-estar das populações, que a Humanidade até hoje já teve. Uma tragédia e uma irresponsabilidade inapagável dos líderes que pretendem e dizem dirigir-nos!

As eleições para o Parlamento Europeu são, por isso, de extrema importância. Os Povos da Europa têm que se impor e manifestar-se ruidosa e eficazmente. Sobretudo os mais europeístas, como Portugal. O nosso futuro como país soberano e livre passa por aí.

Lisboa, 3 de Março de 2009